



## ORIENTE MÉDIO

# Netanyahu ordena retirar civis de Rafah

Primeiro-ministro de Israel determina ao Exército que remova moradores e refugiados na cidade no sul da Faixa de Gaza e destrua quatro batalhões do Hamas sediados na região. Para presidente palestino, plano visa expulsar o povo de sua terra

» RODRIGO CRAVEIRO

Mahmud Hams/AFP

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, ordenou às Forças de Defesa de Israel (IDF) que retirem mais de 1,9 milhão de pessoas da cidade de Rafah, no sul da Faixa de Gaza, e “destruam” os batalhões do movimento extremista islâmico Hamas. “É impossível alcançarmos a meta de eliminar o Hamas, deixando quatro batalhões (do grupo) em Rafah. Pelo contrário, está claro que a intensa atividade em Rafah exige que os civis evacuem as áreas de combate”, afirmou um comunicado do gabinete do premiê. “Portanto, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu ordenou às IDF e ao sistema de segurança que apresentem ao gabinete um plano combinado para retirar a população e destruir os batalhões.”

Por meio de um comunicado, o gabinete do presidente palestino, Mahmud Abas, denunciou que a intenção de Israel é “expulsar os palestinos de sua terra”. “Ao tomar esse passo, Israel ameaça a segurança e a paz na região e no mundo, e cruza todas as linhas vermelhas”, alertou. “É hora de todos tomarem a responsabilidade de confrontar a criação de outra ‘Nakba’ (catástrofe), que



Crianças olham pela janela de um prédio danificado, depois de bombardeio israelense em Rafah

empurrará todo o Oriente Médio para uma guerra sem fim.”

Em uma das mais contundentes críticas a Israel — aliado histórico de Washington —, o presidente dos EUA, Joe Biden, atacou a excessiva resposta militar ao massacre de 7 de outubro passado. “Minha opinião é que a resposta em

Gaza, na Faixa de Gaza, tem sido excessiva. Há muitas pessoas inocentes passando fome, muitas pessoas inocentes que estão em dificuldades e morrendo, e isto tem que parar”, avisou o democrata.

Ao ser questionado pelo **Correio** sobre o suposto plano de “empurrar” os palestinos para

a Península do Sinai, no Egito, o embaixador da Palestina no Brasil, Ibrahim Alzeben, respondeu: “De Netanyahu e de seu gabinete atual podemos esperar tudo, na ausência de medidas internacionais efetivas e urgentes para impedi-lo”. De acordo com o diplomata, a Nakba — termo citado por Abbas — “nunca

### Eu acho...

Evaristo Sá



“Não há nada de novo. Netanyahu continua com a sua guerra de genocídio e de limpeza étnica contra o povo palestino. Ele está determinado a completar a guerra e a eliminar o povo da Faixa de Gaza. O ataque a Rafah é perigoso. Mais de 1,5 milhão de palestinos vivem lá. O apelo de Netanyahu para atacar Rafah significa matá-los ou empurrá-los em direção à fronteira com o Egito. Se os palestinos partirem, não serão autorizados a regressar, o que significa um novo refúgio condenável.”

Ibrahim Alzeben, embaixador da Palestina no Brasil

parou desde a fundação de Israel”. “Apenas mudou o estilo, conforme o momento. A existência de 8.590 presos é um dos formatos nefastos da Nakba. O assassinato premeditado de civis e a destruição da Faixa de Gaza, também. O mundo está chamando a pôr fim à continuada nakba dos palestinos”, acrescentou Alzeben.

### “Efeito catastrófico”

A organização não governamental Human Rights Watch (HRW) advertiu que o plano de Netanyahu para Rafah é “ilegal”. Em entrevista ao **Correio**, Nadia Hardman, pesquisadora da HRW sobre

direitos de refugiados e migrantes, afirmou que as consequências seriam “catastróficas” para os palestinos, “que seriam deslocados mais uma vez dentro de Gaza”. “Estamos apelando aos governos que convençam Israel a reverter esse curso planejado, porque isso derramará desastre e sangue em uma escala massiva”, explicou, de Veneza. “Não existe lugar seguro para onde ir, e a implacável campanha de bombardeios de Israel não pode ser desencadeada em um único lugar, onde pessoas tentam sobreviver.” Rafah, que contava com uma população de 280 mil habitantes antes da guerra, abriga 1,7 milhão de refugiados de várias regiões do centro e do norte da Faixa de Gaza.

## AMÉRICA DO SUL

# O Chile se despede do ex-presidente Piñera

O presidente do Chile, Gabriel Boric, recebeu, na frente do Palácio de La Moneda, o corpo de Sebastián Piñera, que governou o país por dois mandatos — entre 2010 e 2014 e de 2018 a 2022 — e morreu, aos 74 anos, em uma queda de helicóptero, na terça-feira. “Reconheço e valorizo que

(Piñera) nunca se negou a prestar ajuda e conselho, apesar das diferenças públicas que tivemos no passado”, disse Boric, pouco antes, na antiga sede do Congresso, em Santiago. “Durante seu governo, as disputas e recriações, às vezes, iam além do que era justo e razoável.”

Parte dos 33 mineiros resgatados por Piñera depois de ficarem 69 dias soterrados a 700 m de profundidade, na mina de San José, em Copiapó (no Deserto do Atacama), em 2010, renderam homenagem ao político de centro direita. “Foi um momento muito emotivo e lindo. Fomos

recebidos de superamorosa, com muito carinho e respeito. É um orgulho poder despedir e externar a gratidão a uma pessoa que fez coisas maravilhosas, tanto no nosso resgate como pelo bem do Chile, em geral”, admitiu ao **Correio** Mario Sepúlveda, líder dos 33 mineiros. (RC)

Rodrigo Arangua/AFP



O caixão de Piñera é aguardado por Boric, no Palácio de La Moneda

## Conexão diplomática



por Silvío Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# Lula de volta ao foco da guerra

Enquanto o presidente Lula aproveita o carnaval e arruma as malas para decolar rumo à África, Israel anuncia para os próximos dias uma incursão de tropas contra o movimento palestino Hamas na cidade de Rafah, na fronteira da Faixa de Gaza com o Egito — justamente a primeira escala da comitiva brasileira. Lula desembarca na Quarta-feira de Cinzas e cumpre agenda até o dia seguinte. No fim de semana, faz visita de Estado à Etiópia e assiste à reunião de cúpula da União Africana.

Com o colega egípcio, Abdel Fattah Al-Sisi, a pauta inclui, naturalmente, a guerra entre Israel e Hamas em Gaza. A ofensiva em Rafah, ordenada pelo premiê Benjamin Netanyahu, foi recebida com críticas e reservas

praticamente unânimes, até mesmo dos EUA, aliados incondicionais. Rafah, no extremo sul do território palestino, tornou-se praticamente o último refúgio para os civis desalojados pela operação militar israelense, lançada em resposta aos ataques do Hamas contra o sul do país, em 7 de outubro.

O Brasil, que àquela altura exercia a presidência rotativa do Conselho de Segurança das Nações Unidas, fez seguidas tentativas para costurar um cessar-fogo — todas com apoio praticamente unânime, mas vetadas por Washington. Paralelamente, teve de se empenhar em difíceis negociações com o governo de Netanyahu para conseguir que cidadãos brasileiros e parentes deixassem Gaza, via

Rafah — operação de resgate que teve a colaboração necessária e indispensável do Egito. Desde o início do conflito, a diplomacia brasileira aponta excessos de Israel no revide contra os palestinos.

Lula começa o segundo ano, neste retorno ao Planalto, investindo novamente nas relações com o mundo árabe e a África. Foram destinos preferenciais da diplomacia presidencial também no início do primeiro mandato, em 2003. E, como então, uma escolha que retoma a postura de distanciamento crítico em relação a Israel, no acidentado tabuleiro do Oriente Médio,

### É o que importa

Os primeiros oito anos de governo petista tiveram, entre suas marcas, vultosos superávits no comércio com o Oriente Médio, incluindo os países árabes e o Irã. O resultado positivo veio, principalmente, da exportação de frango e de outras commodities do agro. O Egito está entre

os primeiros países a firmarem acordos de livre-comércio com o Mercosul, ainda sob Lula. Por ironia, foi precedido por Israel.

Na primeira etapa do novo mandato, o presidente já esteve na África, para encontros do Brics e da comunidade lusófona, e também na Arábia Saudita, outro país com elevado potencial de mercado para exportações brasileiras.

### Seis ou meia dúzia

O cenário para a corrida pela Casa Branca, em novembro, se consolida, já nos primeiros metros, como uma reedição da disputa de 2020, entre Joe Biden e Donald Trump. Desta vez, porém, os candidatos ocupam posições invertidas em relação às de quatro anos atrás: agora, é o democrata quem tenta a reeleição, enquanto o magnata republicano tenta outra vez o segundo mandato, agora com um retorno inédito na história política dos EUA.

Descontando as diferenças — algumas gritantes — na

política doméstica, as posições de ambos na frente externa coincidem em assuntos chaves para o Brasil. Biden e Trump favorecem as sanções unilaterais contra regimes de esquerda latino-americanos, como os de Cuba e da Venezuela. No Oriente Médio, cultivam a aliança incondicional com Israel. O republicano, em suas declarações, indicou que poderá tomar distância da Ucrânia em sua guerra com a Rússia.

Talvez a mudança mais significativa, em uma eventual troca de guarda na Casa Branca, esteja na orientação política geral do presidente. Trump e seu entorno político mantêm ligações próximas com a extrema direita em escala global, inclusive com o bolsonarismo, no Brasil. Biden, cuja vitória nas urnas foi reconhecida por Bolsonaro apenas depois de meses, colocou no gelo as relações diretas com o colega, para receber ostensivamente Lula, em Washington, nas primeiras semanas após a posse do petista.

### Mano a mano

É pelo mesmo diapasão que o retorno do magnata republicano à Casa Branca incide, com sinal contrário ao esperado no Brasil, sobre nosso vizinho mais íntimo. Desde a campanha e a vitória eleitoral, em 2023, o novo presidente da Argentina, Javier Milei, desfilou afinidades com o trumpismo e indicou com clareza uma prioridade para a aproximação com os EUA — a ponto de cogitar a adoção do dólar americano como moeda corrente.

Milei escolheu Israel como um dos primeiros destinos de visita oficial. Lá, em encontro com empresários, admitiu a possibilidade de transferir a embaixada argentina de Tel Aviv para Jerusalém. É praticamente unânime, na comunidade internacional, a recusa a reconhecer a anexação do setor árabe da cidade e sua proclamação como “capital eterna e indivisível” de Israel. O mesmo movimento diplomático chegou a ser ensaiado por Trump. E por Bolsonaro.